XXI Enanpur Curitiba
19 a 23 de Maio de 2025
ideias, políticas e práticas em territorialidades do Sul Global

CORPOGRAFIA URBANA E RESISTÊNCIA SOCIAL: CORPOS DISSIDENTES NA PAISAGEM DO CENTRO DO RIO DE JANEIRO

Tuyuka Carvalho Lara
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em Projeto e Patrimônio | tuyuka.lara@fau.ufrj.br

Lia Maria Gomes Bahia
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura | lia.bahia@fau.ufrj.br

Sessão Temática 09: Cidade, história e cultura em disputa

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão crítica para uma proposição historiográfica sobre alguns dos corpos dissidentes que, de alguma forma, resistiram durante o processo de urbanização da região central do Rio de Janeiro. A cidade foi e ainda é marcada por grandes reformas urbanas, sobretudo a partir do século XIX, carregando heranças do urbanismo eugenista e higienista que, a partir de aparatos ideológicos dominantes fundamentados no cânone civilizador com a intenção de controlar, através da homogeneização, a ação da maioria dos corpos no Brasil, ditam as formas de ser e estar na paisagem. Assim, com intuito de trazer à luz alguns corpos que compõe a paisagem urbana da região central carioca, este artigo discorre, através da Corpografia Urbana, sobre três agentes importantes: Sabina das Laranjas, João do Rio e Madame Satã. Enquanto figuras de resistência à marginalização de grupos, estes atores interseccionam questões relativas às construções sociais de gênero e de raça, subalternizadas ao longo da história, e seu papel fundamental no que tange as ambiências deste espaço onde diversas temporalidades coexistem.

Palavras-chave: Corpografia Urbana; Paisagem; Sabina das Laranjas; João do Rio; Madame Satã.

URBAN CORPOGRAPHY AND SOCIAL RESISTANCE: DISSIDENT BODIES IN THE LANDSCAPE OF DOWNTOWN RIO DE JANEIRO

Abstract: *This article proposes a critical and historiographical reflection on some of dissident bodies, but, in some way, resisted during the process of urbanization in the downtown area of Rio de Janeiro. This process has been and continues*

to be marked by major urban reforms, especially since the 19th century, carrying the legacies of eugenic and hygienist urbanism. These reforms are supported by dominant ideological apparatuses that uphold the civilizing canon, which aims to control, through homogenization, the actions of the majority of bodies in Brazil, dictating ways of being and being in the landscape. Thus, with the aim of bringing to light some of the bodies that compose the urban landscape of Rio de Janeiro's downtown, this article highlights, through Urban Corpography, three key figures: Sabina das Laranjas, João do Rio, and Madame Satã, as figures of resistance to the marginalization of groups that, in this case, intersect issues related to the social constructions of gender and race. These groups have been subalternized throughout history and played a fundamental role in shaping the atmospheres of this space, where multiple temporalities coexist.

Keywords: *Urban Corpography; Landscape; Sabina das Laranjas; João do Rio; Madame Satã.*

CORPOGRAFÍA URBANA Y RESISTENCIA SOCIAL: CUERPOS DISIDENTES EN EL PAISAJE DEL CENTRO DE RÍO DE JANEIRO

Resumen: *Este artículo propone una reflexión crítica e historiográfica sobre algunos de los cuerpos dissidentes, pero que, de alguna manera, resistieron durante el proceso de urbanización del Centro de la ciudad de Río de Janeiro, el cual fue y sigue siendo marcado por grandes reformas urbanas, especialmente a partir del siglo XIX, cargando herencias del urbanismo eugenésico e higienista, que, a través de aparatos ideológicos dominantes que apoyan el canon civilizador, tienen la intención de controlar, mediante la homogeneización, la acción de la mayoría de los cuerpos en Brasil, dictando las formas de ser y estar en el paisaje. Así, con el fin de visibilizar algunos cuerpos que componen el paisaje urbano de la región central carioca, este artículo pone de manifiesto, a través de la Corpografía Urbana, tres agentes importantes: Sabina das Laranjas, João do Rio y Madame Satã, como figuras de resistencia a la marginalización de grupos que, en este caso, intersectan cuestiones relacionadas con las construcciones sociales de género y raza, los cuales han sido subyugados a lo largo de la historia, y su papel fundamental en cuanto a las atmósferas de este espacio, donde coexisten diversas temporalidades.*

Palabras clave: *Corpografía Urbana; Paisage, Sabina das Laranjas; João do Rio; Madame Satã.*

INTRODUÇÃO

Com o intuito de apreender a essência ou a chamada "alma" das ruas do Centro do Rio de Janeiro, ao longo do tempo, muitos autores como jornalista João do Rio até chegar na contemporaneidade, como o historiador Luiz Antônio Simas, trazem em suas obras e estudos o corpo como protagonista para compreender o que é a rua, o Lugar arquitetônico e, portanto, a paisagem, que invariavelmente o contém como ator crucial. Neste sentido a ideia de Lugar pode ser interpretada a partir de sua dimensão fenomenológica e subjetiva, onde os seus sujeitos o constroem, o percebem e o significam (Duarte *et al.*, 2022), não sendo assim um mero espaço fisicamente delimitado.

A partir desta noção de Lugar que tem o corpo como elemento fundamental da paisagem, este trabalho busca discutir a partir de três atores que fizeram parte da história do Centro do Rio de Janeiro cuja história ainda repercute na contemporaneidade, sendo eles: Sabina das Laranjas, João do Rio e Madame Satã. Estes três personagens são representativos de alguns dos corpos que foram e que ainda são excluídos e reprimidos no pensamento e no projeto urbano, no seu reconhecimento na historiografia da arquitetura e do urbanismo, nas políticas públicas ou no próprio uso cotidiano dos espaços. Mulheres, crianças, idosos, pessoas com deficiência, LGBTQIAPN+, negras e povos originários compõe a minoria, não em números, mas ao ter o seu direito à cidade validado e atendido.

Desta forma, este trabalho traz reflexões acerca de como o planejamento urbano, sobretudo a partir das grandes reformas iniciadas no século XIX, cujo projeto arquitetônico e urbanístico higienista exclui preexistências de ordem cotidiana e popular, dando ênfase no controle e no ordenamento – das práticas, dos corpos e do projeto urbano -; na preocupação com estética urbana – no que diz respeito ao embelezamento -; na supremacia do automóvel em comparação ao pedestre; além da estratificação do tecido urbano, tornando-o cada vez mais desigual e segregado.

Em contraponto ao conjunto de ideias da cidade higienista moderna, que ainda repercute na mentalidade da sociedade, este artigo evidencia três pessoas que representam grupos sociais minoritários, mas muito presentes na história e no cotidiano do Centro. Através de Sabina das Laranjas pode-se refletir acerca da experiência da mulher negra e trabalhadora urbana, seus mecanismos de sobrevivência no espaço público, estando constantemente sujeita à violência, seja por ser mulher e devido ao racismo, questões que são pertinentes ainda hoje ao considerarmos a realidade das trabalhadoras ambulantes. João do Rio, enquanto um jornalista que registrava as transformações urbanas, dando enfoque nas relações socioespaciais, evidenciando o cotidiano e a resistência de vários grupos da classe trabalhadora, como ambulantes, prostitutas e artistas de rua, ainda sendo alvo de preconceitos devido suas características identitárias. Já Madame Satã traz à luz os desafios das condições de vida de ser um imigrante nordestino na primeira metade do século XX, a vida noturna, o racismo, a homossexualidade e a marginalização do corpo.

Assim, para investigar estes três corpos, os quais são lidos como representativos de alguns dos grupos sociais que foram marginalizados ao longo do tempo e enquanto agentes da história da região central do Rio de Janeiro, parte-se da Corpografia Urbana (Britto; Jacques, 2008). Tal conceito compreende o corpo como elemento e agente da conformação da cidade, pois, a partir da vivência urbana se cria memórias que ficam retidas no corpo ao mesmo tempo que tal experiência faz parte da dinâmica e da história da cidade, a qual carrega temporalidades diversas, seja em sua materialidade ou nas práticas socioculturais que nela ocorrem. Diante disso, a Corpografia é uma potencial ferramenta de resistência ao processo modernizador vigente a partir do final do século XIX que marginalizou regiões e corpos como os aqui estudados.

ENTRE RUAS E RESISTÊNCIAS: SABINA DAS LARANJAS, JOÃO DO RIO E MADAME SATÃ NA HISTÓRIA E NO COTIDIANO DO CENTRO CARIOCA

A ideia de civilização que se instaura durante o governo republicano no Rio de Janeiro tem como uma das principais marcas o ordenamento do espaço público onde a lei impera. A capital torna-se influenciadora nos novos modos de vida e comportamento para as demais regiões do país, os quais eram inspirados nos aspectos materiais e imateriais da cultura europeia, do Velho Mundo. Assim, o Centro era visto como um lugar pedagógico da civilização e do império da lei, da cultura e da estética embelezadora. Para isso foram tomadas medidas para higienizar a cidade colonial, a qual era vista como "pestilenta" (Azevedo, 2008), sendo atribuídas características como desordenada, malcheirosa, ruidosa, além de ser foco de epidemias, sobretudo diante do crescimento da populacional, já que, em decorrência da abolição da escravatura e da imigração, a paisagem da cidade era marcada por um grande contingente de pessoas trabalhando e circulando nas ruas.

Neste sentido, os ideais higienistas e eugenistas são frutos de um discurso de médicos sanitaristas que foi adotado como modelo científico para atuar como forma de coerção da população, além de ter sido pautado pelas condições raciais existentes, tendo em vista a população negra e originária. Os eugenistas colonizadores acreditavam que a raça era determinante para o progresso das civilizações, tendo o homem branco europeu como modelo ideal, assim viam a mestiçagem como forma de embranquecer a população brasileira majoritariamente negra e indígena, e para isso estimulavam a política de imigração e medidas de exclusão, privação e coerção da sociedade, o que influenciou também no planejamento urbano das grandes reformas urbanas e em uma série de proibições com objetivo de ordenar o espaço urbano, como as iniciativas do governo de Rodrigues Alves e de Pereira Passos, a fim de alcançar as condições de civilização propostas pela modernidade europeia. Muitas destas intervenções levaram ao soterramento de lugares que carregam memórias de povos e a consequente transformação da paisagem da cidade, transferindo corpos, construções,

elementos naturais e sua história para longe do cenário de espetacularização ao qual o Rio é submetido.

Ao tratar sobre os corpos e vidas negligenciados no Centro do Rio de Janeiro diante das justaposições de histórias e territórios causadas pela forma de pensar e pelo urbanismo higienista, contrapõe-se a percepção de como o corpo influenciou o desenvolvimento urbano e as formas que o espaço público assumiu ao longo da história das cidades, além de como a própria cidade também deixa marcas nos corpos que a vivenciam, o que se denomina corpografia urbana (Britto; Jacques, 2008). Tal método busca trazer à luz os registros das experiências de corpos que estão em constante contato com a rua, assim carregando consigo parte da história da cidade que vivenciam cotidianamente.

Ao estudar as relações entre o corpo e a cidade, Britto e Jacques (2008) enfatizam a importância de considerar a temporalidade, tendo em vista que a experiência do corpo ocorre através do tempo na cidade. Dessa maneira as autoras sinalizam que as resultantes apontadas para essa análise decorrente da corpografia se concretizam nas "ambiências e corporalidades". Assim, serão apresentados a seguir corpografias de três agentes importantes da paisagem urbana da região central carioca: Sabina das Laranjas, João do Rio e Madame Satã.

SABINA DAS LARANJAS

Sabina das Laranjeiras foi uma quitandeira que vendia laranjas em uma barraca localizada no Largo da Misericórdia, no Centro. Em 1889, momento em que o país acabara de se tornar uma República, houve uma provocação política realizada por estudantes de medicina, os quais eram fregueses de Sabina. Eles arremessaram suas laranjas na carruagem do Visconde de Ouro Preto, que representava o Império. Com isso, Sabina, uma mulher negra, foi quem acabou sendo prejudicada, tendo sua mercadoria confiscada por policiais. Porém, ao saberem da arbitrariedade, os clientes de Sabina fizeram uma passeata pelas ruas do Centro do Rio de Janeiro, percorrendo do Largo da Misericórdia até a Rua do Ouvidor, sendo repercutida até nos jornais (Figura 1) e, anos mais tarde, na revista teatral *A República*. Como efeito, a polícia permitiu o retorno comercial da quitandeira, como Luiz Antônio Simas (2023) conta.

Figura 1

Nota: A "manifestação das laranjas" na Revista Illustrada, em 27 de julho de 1889, n. 558.
Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Apesar de trazer um caso que aconteceu com Sabina, ela é representativa das quitandeiras, mulheres que trabalhavam no comércio varejista, principalmente de alimentos, nas ruas da cidade desde o período colonial. De acordo com Schumaher e Brazil (2007), as quitandeiras eram comerciantes de rua, sendo uma atividade predominantemente realizada por mulheres, sobretudo em Luanda e em outras zonas comerciais da África Ocidental, regiões de onde muitas delas foram retiradas durante o regime escravista. A maneira como esse mercado ocorria em seu local de origem permaneceu muito semelhante nas ruas brasileiras no período colonial. Em sua grande parte, o trabalho das quitandeiras era em prol da sua subsistência, já que eram mulheres negras que nasceram livres e libertas, ou então escravizadas "de ganho" que buscavam no comércio de rua uma forma de gerar renda para seus senhores com intuito de conseguir sua alforria ou de seus familiares. Assim, tendo em vista as limitações do regime escravista, estas mulheres possuíam liberdade de circulação, pois tinham condições diferentes quando comparadas às outras pessoas escravizadas. Apesar disso, haviam diversas restrições que o governo e as classes dominantes impunham a elas, como impostos, fiscalização de mercadorias, licença para comercializar, e delimitação dos locais onde eram permitidas trabalhar.

O comércio ambulante é historicamente um fator determinante na constituição e funcionamento de muitas cidades brasileiras. Apesar de sua intensificação no século XIX, devido a modernização das cidades, a abolição da escravatura e ao grande número de imigrantes que chegam ao Rio de Janeiro, sua origem é marcada pelo papel emancipatório das mulheres nesse processo, pois foram as quitandeiras as responsáveis por suprir a demanda de alimentação da população. Tal acontecimento garantia a permanência de moradores no território e contribuía com a ideia do espaço público enquanto espaço de sociabilidade, de conflitos, de disputas, de negociações e de resistência. Além disso, o ir e vir dessas mulheres em determinados lugares era um fato que conduzia o processo de interiorização e de ocupação da cidade, além de sua importância para a economia e na repercussão da cultura afrodescendente, senão brasileira.

Mesmo perpassando brevemente pela história de Sabina, ao tratar sobre a presença das mulheres no comércio nas ruas ainda hoje é possível perceber a relevância do seu papel na construção de redes de cooperação e senso de coletividade. O que é evidenciado através da repercussão de saberes-fazeres ao longo do tempo, não só do que é produzido para o comércio, como as mercadorias, mas pela forma como estes corpos se incorporam com o trabalho, o qual extrapola ser um meio de tirar o sustento, mas que se relacionam com a forma de ser e de estar representada na paisagem.

Há um número expressivo de mulheres que ainda realizam o comércio ambulante, principalmente no Rio de Janeiro, cidade que mais possui trabalhadores nas ruas em todo o país, segundo uma matéria realizada pela Revista Gênero e Número[1] no ano de 2021. A publicação ainda evidencia que as mulheres correspondem a cerca de 40% dos ambulantes e que mulheres negras são a maioria entre todos eles, sejam homens ou mulheres. Diante destes dados e cruzando com a história, nota-se que há a prevalência de mulheres negras no comércio ambulante, tal questão é relativa ao gênero e à raça, tendo em vista que o corpo da mulher negra no espaço público ainda é visto sob o viés do trabalho, enquanto alguém que irá servir outra pessoa, como salienta Joice Berth:

> "[...] a mulher negra é um exemplo que se distancia de como a mulher branca é tratada no espaço público. Mulheres negras são vistas como corporeidades deslocadas do seu lugar natural, são vistas como as serviçais do homem branco e de sua estrutura de exploração" (Berth, 2023, p.185).

Para além da questão de gênero, o componente racial também altera a forma como mulheres vivenciam a cidade, tendo em vista que o racismo e o machismo são ferramentas de opressão que estruturam a colonialidade. Neste sentido, as construções sociais de gênero e de raça diferiram o papel de homens e mulheres na sociedade, assim como o local de trabalho e sua posição na hierarquia social em detrimento de suas diferenças biológicas. Mesmo após a conquista de direitos por grupos subalternizados ao longo do tempo, ainda há consequências dessas ferramentas de opressão na estrutura social. A vulnerabilidade à violência permeia a experiência urbana de todas as mulheres, porém, ao haver intersecções entre outras características identitárias, a suscetibilidade à violência torna-se ainda mais crítica, aumentando o grau de opressão, dominação ou discriminação.

Neste sentido, ainda é possível identificar fatores econômicos e sociais que se inter-relacionam com o contexto de muitas ambulantes, como a luta pela emancipação econômica atrelada a desafios como a maternidade; longas jornadas de trabalho, considerando também o trabalho doméstico; o enfrentamento de preconceitos; a vulnerabilidade à violência doméstica ou no espaço público, fatores que são gerados pela desigualdade de gênero e também como consequência do racismo.

Refletir acerca da presença de mulheres no espaço público, tendo a atividade comercial como mediadora, que neste contexto há a persistência de mulheres negras exercendo tal atividade, é de suma importância reconhecer que existem questões intrínsecas com a história desses

corpos no que tange a história da cidade e as construções sociais. Além disso, apesar das repressões e mecanismos de controle ou opressão desses corpos no espaço público, o ser e estar na paisagem destas mulheres é envolto por estratégias de resistência.

Um importante traço que marca estas estratégias é a capacidade de socialização que cria redes de contato e, consequentemente, segurança, mesmo que não garanta a completa proteção de mulheres que trabalham no espaço público. Não se trata de acordos formais, mas de saberes e influências que se estabelecem no cotidiano na luta por sobrevivência, como sinaliza Monica Veloso (1990).

JOÃO DO RIO

Diante do contexto das grandes reformas urbanas que modificaram as áreas urbanizadas do século XIX, tendo a reforma de Haussmann em Paris como principal referência para os demais centros que seguem este rumo, cujo processo foi marcado pela retirada dos habitantes do centro da cidade para a abertura de grandes vias de circulação, sua mecanização, bem como os novos modos de vida e de trabalho, gerando maior segregação social e aceleramento do ritmo de vida no cotidiano, vários autores refletiram sobre essa nova experiência ao observar a cidade e é neste contexto que surge a figura do *flâneur*, que marca o início das experiências errantes (Jacques, 2012).

Assim, como método de estudo das cidades modernas, Walter Benjamim se atentava para a prática cotidiana do *flâneur* das obras do autor Baudelaire, o qual encontra na sua prática de vivenciar essa cidade um outro ritmo, mais lento, sendo um contraponto crítico aos então novos tempos (Benjamim, 1989). O *flâneur*, portanto, não se vê encaixado nos modos de produção capitalista e na divisão de trabalho pós-revolução industrial.

No Brasil, a arquiteta e urbanista Paola Jaqcues (2012) encontra semelhanças entre o trabalho de João do Rio, o personagem e a metodologia que podem ter equivalência com o *flâneur* de Baudelaire, ao considerar a reforma de Haussmann concluída na segunda metade do séc. XIX em Paris, e a reforma de Pereira Passos na primeira década do séc. XX no Rio de Janeiro, a qual teve como modelo a experiência parisiense, sendo pautada em uma modernidade higienista de organização das massas, alta velocidade de fluxos, segurança sanitária e eficiência militar. Dessa forma, as ruas estreitas de traçado irregular da cidade colonial carioca, assim como a população oriunda de camadas sociais vulneráveis foram destruídas e deram lugar ao novo traçado das grandes avenidas, assim como Haussmann abriu em Paris soterrando também a história da cidade e seu povo.

Assumindo o pseudônimo de João do Rio, João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (Figura 2) foi um jornalista brasileiro que presenciou as drásticas mudanças na paisagem carioca entre 1902 e 1906, período marcado pelas excludentes e violentas reformas de Passos, as quais removeram do centro da cidade corpos e construções socialmente marginalizados ao realizar remoções e demolições para abrir largas avenidas, como Av. Central, a atual Av. Rio Branco, e a Av. Presidente Vargas (Jacques, 2012).

Figura 2:

Nota: Retrato fotográfico de João do Rio.
Fonte: Bahia Illustrada, Ano 1921/Edição 0039.

Em suas crônicas no jornal Gazeta de Notícias, onde trabalhou entre 1903 e 1915, João do Rio aplicou a metodologia, até então inédita entre jornalistas e cronistas brasileiros, documentando parte das mudanças que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro. Ao se colocar na rua, como um adaptado *flâneur* carioca, o autor testemunhou injustiças sociais cometidas durante a política do "Bota-Abaixo"[2], assim, fez críticas contundentes a mesma e retratava os modos de vida da classe trabalhadora, como se expressavam e se relacionavam com o meio, conformando uma paisagem humana (João do Rio,1951).

Um desses registros, são as "pequenas profissões" registradas em seu livro *A Alma Encantadora das Ruas,* como tatuadores, pessoas que faziam orações, mercadores de livros e os que faziam leituras nas ruas, pintores, vendedores de ópio, músicos, cocheiros, prostitutas, trabalhadores de estiva, caçadores de gatos, dentre outros. Ao evidenciar estes trabalhadores, o autor registra uma paisagem urbana que também é humana, dinamicamente construída pelas práticas cotidianas. Dessa maneira, o protagonismo é dado aos trabalhadores da rua ao vê-la como um ser vivo, como ele mesmo menciona.

O próprio corpo de João do Rio se incluía na forma como analisava o Centro do Rio de Janeiro, tento em vista que, além da forma como exercia sua profissão, também era morador da região, morando na Avenida Gomes Freire, na Lapa (Magalhães Junior, 1978) e na Rua do Lavradio, número 100, onde hoje se encontra a Associação Beneficente Luso-Brasileira (Pinheiro e Pinheiro, 2007).

João do Rio, à sua maneira de praticar a "arte de flanar", se consolidou como jornalista e cronista da dura realidade humana na paisagem central carioca no início do séc. XX. Em 1902,

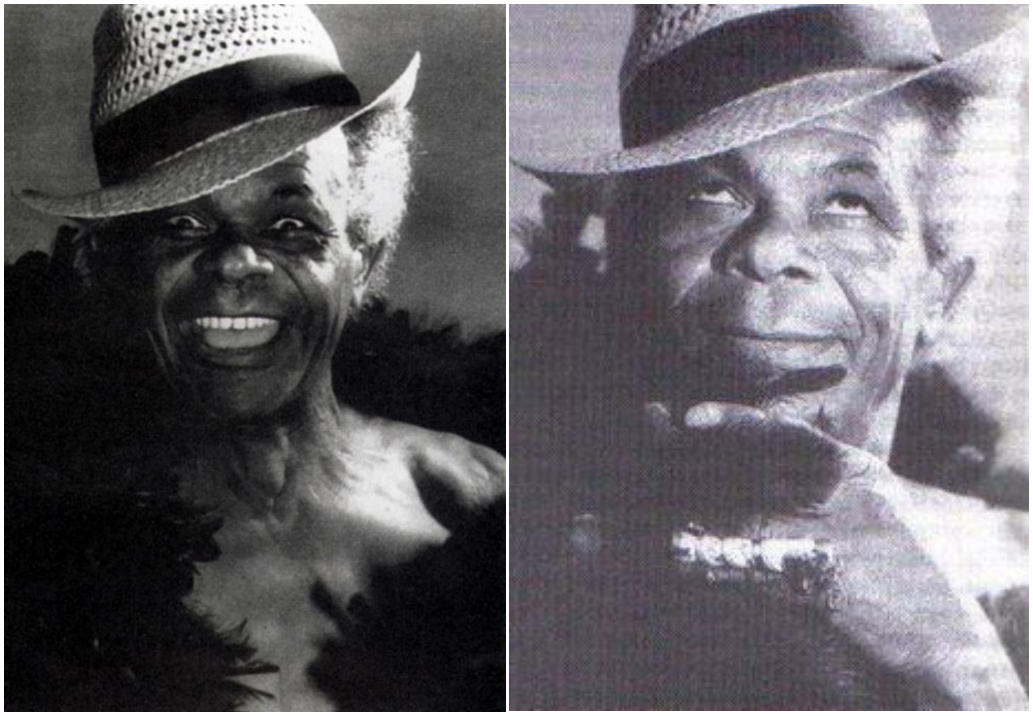
teve uma vaga de diplomada no Itamaraty recusada pelo então Barão do Rio Branco, considerado um dos grandes nomes da diplomacia brasileira. O argumento oficial era de que a vaga já estaria ocupada, porém, o historiador Renato Cordeiro Gomes afirma que a recusa teria sido devido ao fato de que o Barão considerava João do Rio "gordo, amulatado e homossexual" (Gomes, 1996). Oito anos após a recusa, João do Rio foi eleito, em 7 de maio de 1910, para ser o segundo ocupante da cadeira 26 da Academia Brasileira de Letras que o considerou como o criador da crônica social moderna.

A obra e a vida de João do Rio representam, além de um marco para a história da percepção da paisagem carioca através de uma metodologia atualizada e adaptada a essa realidade, também como seu próprio corpo que, mesmo sendo discriminado, reocupa os espaços marcados por uma história de transformações repressivas da paisagem, pautadas na negligência, no controle e até mesmo no apagamento de vidas e corpos marginalizados e, consequentemente, justapõe seus lugares de memória.

MADAME SATÃ

Um dos moradores com maior potencialidade de síntese do modo de vida local da Lapa na primeira metade do séc. XX foi João Francisco dos Santos, o Madame Satã (Figura 3). Ele conta em sua autobiografia que nasceu no agreste de Pernambuco no ano de 1900, era neto de uma senhora escravizada que era mantida em cativeiro quando deu à luz ao seu pai. A vinda de Madame Satã para o Rio de Janeiro foi em decorrência do falecimento de seu pai e também devido ao fato que, diante da situação de pobreza familiar, sua mãe aceitou a proposta de vendê-lo a um vendedor que cavalos que a prometeu dar melhores condições de vida ao seu filho. Porém, o vendedor manteve-o em trabalho análogo à escravidão, o que gerou sua fuga em 1908 para a capital carioca, após conhecer uma senhora que o propôs ir morar com ela, onde a mesma abriria uma pensão e poderia oferecer moradia e serviço à criança. Ele fugiu novamente em 1913, ficando em condição de rua (Paezzo, 1972).

Figura 3:



Nota: João Francisco dos Santos, o Madame Satã de chapéu panamá e plumas.
Fonte: M. Barata in Antologia da Lapa, 1978.

No cenário das grandes transformações urbanas, inicialmente, a Lapa não foi contemplada dos planos de modernização da cidade, portanto, um estado de decadência econômica a assolava devido o deslocamento das classes mais abastadas para a zona sul e para os subúrbios na zona norte da cidade, as quais moravam no Centro. Os grandes casarões que eram ocupados por famílias ricas transformaram-se em pensões, cortiços, cabarés ou prostíbulos, assim, o uso noturno passou a ser a principal a atividade econômica que se manteve ativa na região, estimulada pelo público ligado aos teatros da região do Largo do Rócio, atual praça Tiradentes, e suas adjacências. Desta maneira, a paisagem da região central carioca onde ocorriam as flanâncias denunciantes de João do Rio, que escrevia sobre e a partir da margem da modernização vigente, foi a mesma onde se inseriu a criança imigrante que mais tarde viria a ser chamada de Madame Satã no auge da marginalização de seu corpo e da região em que habitava.

Neste contexto, João dos Santos aproximou-se dos grupos ligados à prostituição iniciando sua vida sexual e entendendo-se como homossexual, o que agravou a marginalização de seu corpo que já era alvo de preconceitos e discriminação por ser negro e imigrante nordestino. Satã também se aproximou de uma cultura de "malandragem". O termo "malandro" é de origem italiana e significa atitudes espertas e criativas perante as adversidades da vida. Durante o início do séc. XX, o termo passa a designar personagens da música carioca, sobretudo do samba que era feita por homens em condição de vulnerabilidade socioeconômica que viam na indústria musical brasileira uma oportunidade de emancipação social.

Os autores Nei Lopes e Luiz Antônio Simas (2023) descrevem que a malandragem é ligada a vida marginalizada e seus estereótipos, como a vadiagem, criminalizada no período. Os autores também citam, segundo Câmara Cascudo, que pessoas negras descendentes de escravizados ou que haviam sido escravizadas eram constantemente associadas ao estereótipo de malandro, uma vez que, ao rejeitar uma espécie de continuação da exploração escravagista em trabalhos rígidos e pouco remunerados, buscavam novas formas de vida e sustento nas ruas da cidade (Cascudo, 1965 in Lopes; Simas, 2023). Os autores, ao citarem Humberto Franceschi, diferenciam a figura do malandro sambista o qual era associada ao bairro Estácio e seu pioneirismo na musicalidade e da dança do samba, do malandro das demais áreas da cidade onde o "meretrício organizado" se fazia muito presente, como é o caso da Lapa, onde a figura do malandro estava muito ligada a essa prática, a qual Madame Satã se relacionava.

Satã também trabalhou como "sambista travesti" em um teatro na Praça Tiradentes, reunindo as variadas facetas que, ao ponto que o definem, também são essenciais para o entendimento da paisagem da Lapa do início do séc. XX, uma vez que a estrutura física urbana propiciava tais práticas enquanto as mesmas caracterizavam o lugar. Assim, a análise das relações entre a corporalidade de Madame Satã e as ambiências da região central, sobretudo da Lapa, vão de encontro a corpografia urbana das autoras Fabiana Britto e Paola Jacques (2008), enquanto uma potencial ferramenta de resistência ao processo modernizador vigente no início do séc. XX que marginalizou regiões e corpos.

Madame Satã trabalhou em pensões e cabarés como segurança de mulheres cisgênero e homens travestis. Vale destacar que, neste momento, início do século XX, o debate sobre corpos trans era bastante diferente de como é hoje. Apesar de atualmente representar um cenário violento no que diz respeito ao direito à cidade a estes corpos, os mesmos sofriam ainda mais discriminação no período mencionado e, consequentemente, corriam riscos por estarem de alguma forma ligados a prática da prostituição.

A vida de Satã foi permeada pelo meio artístico, mas também por extremas dificuldades que lhe foram impostas desde seu nascimento e que o acompanharam durante a vida na luta pela sobrevivência. João Francisco dos Santos passa a ser chamado de Madame Satã após um de seus episódios com a polícia, após expressar sua liberdade através de seu corpo, como demonstra Silva:

> (...) em 1938 (...) é preso junto com umas "bichas amigas" conversando no Passeio Público. Na delegacia, o delegado Dulcídio Gonçalves pede que deixem de" fazer rodinha no Passeio Público" de dia, pois incomodavam as famílias que passavam. De madrugada não haveria problema. Será neste mesmo episódio que receberá a alcunha de "Madame Satã", segundo relata, atribuído a ele num primeiro momento, pelo delegado, que procurava classificá-lo a partir de um "nome de guerra", como o das outras parceiras. Associando a fantasia utilizada por João com que ganhara o desfile do bloco Caçadores de Veados, ao filme Madame Satã, de Cecil B. de Mille, Gonçalves decide chamá-lo desta forma (Silva, 2011, p.25).

Conforme Satã (1972), ao retornar para sua casa na Rua do Lavradio, após sair de uma peça na Praça Tiradentes, se envolveu em uma grande briga que levou a sua fama e, consequentemente, também o reconhecimento da Lapa na primeira metade do séc. XX, como um corpo e lugar violentos. Madame Satã matou um guarda noturno que teria o agredido em frente sua casa. Ele foi preso e condenado pelo crime cuja pena não foi cumprida em sua totalidade devido a concessão de sua liberdade antes do prazo inicialmente definido. Anos depois, Satã também foi condenado pela morte de Geraldo Pereira, sambista e representante da cultura de malandragem do Centro em meados do séc. XX que, assim como ele, era um homem negro e imigrante.

Ao analisar a trajetória de Madame Satã e as especificidades representadas em seu corpo e nas relações do mesmo com outros corpos e o espaço por estes vivenciados, chama à atenção a relevância e a posição social de mulheres, cisgênero ou transgênero, na região central do Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto foram apresentadas três figuras importantes da história do Centro do Rio de Janeiro que são representativas de corpos dissidentes ainda hoje, os quais passam por processos de opressão, descriminalização ou até mesmo apagamentos que levam a subalternização, não tendo seu direito à cidade validado ou atendido ao longo dos séculos.

Tanto Sabina das Laranjas, quanto João do Rio e Madame Satã nos oferecem perspectivas acerca de como o corpo participa e se integra à paisagem urbana de regiões do centro carioca, colocando em destaque que, mesmo com o passar do tempo, suas dinâmicas socioespaciais e ambiências carregam narrativas históricas de outrora, sobretudo no que diz respeito ao trabalho realizado nas ruas ou que dialoga diretamente com ela, seja através do comércio, da pesquisa, das artes e da vida noturna.

Sabina das Laranjas lança luz sobre as questões que envolvem as mulheres que trabalham no espaço público, sobretudo no que diz respeito à vulnerabilidade a violência, a qual pode ser compreendida como uma reação a sua presença em um local que historicamente não foi feito para que elas estejam, as repelindo. Apesar disso, ao intersectar com a raça, as mulheres negras eram aceitas neste espaço se estivessem exercendo alguma função relacionada ao trabalho, mais especificamente à serviço de alguém. Ainda com todas as medidas restritivas e tendo seus corpos subalternizados, através do comércio nas ruas muitas mulheres estabeleceram e ainda estabelecem redes de sociabilidade urbana, o que mantém a qualificação, segurança e vivacidade de muitas áreas, além de repercutir manter viva uma prática que faz parte da história da cidade e da cultura urbana. Também é importante considerar o papel delas na cooperação entre as(os) ambulantes, contribuindo para sua inserção e permanência no mercado de trabalho, e luta por direitos trabalhistas.

João do Rio representa aqueles que lançam olhares críticos sobre a cidade e fazem registros sobre ela, desvelando suas nuances e reconhecendo o papel fundamental das práticas socioculturais no que diz respeito a "alma das ruas", como o próprio autor denomina, aquilo que a mantém pulsante. Reconhecer, valorizar e registrar os sujeitos que são negligenciados, mas que fazem acontecer a dinâmica urbana, sobretudo no que se refere à cultura popular, é uma tarefa essencial para a inserção destes sujeitos na historiografia da arquitetura e do urbanismo, fazendo um paralelo com a ação dos corpos hegemônicos que, muitas vezes, definem os projetos e os usos dos espaços urbanos.

Madame Satã seguia caminhos semelhantes no que diz respeito a vida urbana, porém, como uma figura que foi constantemente documentada enquanto um corpo que faz parte da região em que viveu, evidenciando a importância dele para a constituição daquele Lugar, da alma das ruas da Lapa, em especial as que morou, como a Rua do Lavradio e a Rua Morais e Vale. Ainda, ao vivenciar a cidade, Madame Satã colocava em pauta questões como a dos corpos transexuais, conceito que naquela época não era debatido, uma vez que os mesmos eram tratados como travestis. Ao tentarem se inserir na cena artística, musical e teatral, do Centro da cidade no início do século XX sofriam discriminação que os levava à profunda subalternização que, via de regra, os encaminhava para a prática da prostituição explorada em muitos cabarés da região. Madame Satã fazia parte de todo esse circuito, não só como travesti que se apresentava nos teatros, como atuava enquanto protetor de homens e mulheres em situação de vulnerabilidade no âmbito da marginalização de corpos dissidentes naquele Lugar.

Apesar de suas diferenças, os corpos dissidentes ainda possuem um denominador em comum que é a vulnerabilidade à violência, que nestes casos se relacionam com a intersecção entre raça, gênero e classe social. Neste sentido, considerando o que foi exposto sobre Sabina das Laranjas, João do Rio e Madame Satã se pode refletir acerca do gênero como um termo que envolve as pessoas que são alvo da *feminilização*, as quais são atribuídas estereótipos do gênero feminino, tais como ingenuidade, fraqueza, sensibilidade, baixa capacidade intelectual, dentre outros, a fim da sua subalternização e violação, como alerta Joice Berth (2023). Neste sentido, a autora sinaliza que crianças, idosos, homens homossexuais ou até mesmo heterossexuais que não se enquadram nas construções heteronormativas são alvos da *feminilização* que age como código para exclusão ou repressão.

As grandes reformas urbanas da cidade do Rio de Janeiro privaram muitas pessoas de seu direito a memória e a cidade. Sob este aspecto, a corpografia urbana ajuda a desvelar as formas de resistência desses corpos excluídos do planejamento urbano e revela seu legado na história da cidade. Dessa maneira, ao incluir narrativas históricas que fogem à hegemônica, se inclui a representatividade de grupos e indivíduos dissidentes na história à sua maneira, em detrimento do ponto de vista colonialista. Além disso, este trabalho ao reconhecer como se deram os processos de subalternização, compreende que as desigualdades sociais são consequências dos processos históricos que vivemos, ao ponto em que também traz à luz

como o corpo reage e resiste às formas de dominação, sobretudo aos limites impostos pela sociedade e pelo modo de vida da cidade capitalista.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, André Nunes de. As reformas urbanas de Camilo Sitte e Pereira Passos: a modernidade do Rio de Janeiro e de Viena sob a égide da tradição. **Intellèctus**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2008. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/intellectus/article/view/27642. Acesso em: 30 nov. 2024.

BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. Trad. José Carlos Martins. In: **Obras Escolhidas III**. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa:** racismos, falocentrismos e opressões nas cidades. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

DO RIO, João. **A alma encantadora das ruas.** Edição da Organização Simões. Rio de Janeiro, 1951.

DUARTE, Cristiane Rose, MIRANDA, Cybelle Salvador, SANTANA, Ethel Pinheiro, SILVA, Luiz de Jesus. **Experiência do lugar arquitetônico:** dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022.

GOMES, Renato Cordeiro. **João do Rio:** vielas do vício, ruas da graças. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996. Série Perfis do Rio, n. 13.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. **Dicionário da história social do samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PAEZZO, Sylvan. **Memórias de Madame Satã**. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1972.

PINHEIRO, Eliane Canedo De Freitas; PINHEIRO, Augusto Ivan De Freitas. **Rua do Lavradio.** Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2007.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico V. **Mulheres negras no Brasil.** São Paulo: Senac, 2007.

SILVA, Geisa Rodrigues Leite. **As múltiplas faces de Madame Satã:** Estéticas e políticas do corpo. Tese (doutorado). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras da PUC-Rio, 2011.

SIMAS, Luiz Antônio**. O corpo encantado das ruas.** 13 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

VELOSO, Monica. As tias baianas tomam conta do pedaço: Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990, p.207-228.

[1] Fome, medo e falta de renda: a vida das ambulantes no primeiro ano de pandemia. Revista Gênero e Número. 30 abr. 2021. Disponível em: https://www.generonumero.media/reportagens/ambulantes-pandemia/. Acesso em: 14 nov. 2024.

[2] O "Bota-Abaixo" é uma expressão popular que se refere tanto às reformas urbanas do Rio de Janeiro a partir de 1903, quanto ao prefeito Francisco Pereira Passos (1902-1906).